



## **AVALIAÇÃO E MANEJO NÃO FARMACOLÓGICO DA DOR EM UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA NEONATAL: DESVELANDO A PRÁTICA ASSISTENCIAL DA ENFERMAGEM**

Rosimara Oliveira Queiroz (PIBIC/CNPq/Uem), Roberta Tognollo Borotta Uem, Ieda Harumi Higarashi (Orientador), e-mail: [ieda1618@gmail.com](mailto:ieda1618@gmail.com)

Universidade Estadual de Maringá / Departamento de Enfermagem

Enfermagem – Enfermagem Neonatal

**Palavras-chave:** Dor, Cuidados de Enfermagem, Neonatologia.

### **Resumo:**

Trata-se de uma pesquisa realizada em um serviço de unidade de terapia intensiva neonatal (UTIN) no noroeste do Paraná, com o objetivo de analisar a prática assistencial de enfermeiros de UTIN no manejo da dor. O estudo teve caráter descritivo, exploratório e abordagem qualitativo. Foram entrevistados 6 enfermeiros com auxílio de roteiro semi estruturado. Os dados foram analisados por meio da análise de conteúdo. Como resultados foi possível identificar a preocupação dos enfermeiros em prevenir a dor, as diferenças existentes entre avaliar a dor na clientela neonatal e a importância da sensibilização dos profissionais que atuam na área acerca do tema. Concluiu-se que a avaliação da dor na clientela neonatal é um desafio na prática assistencial da enfermagem e é necessário o repensar de estratégias que minimizem o desconforto do bebê internado.

### **Introdução**

Na década de 1960, surgiram os primeiros estudos para avaliar se o recém-nascido (RN) era capaz de sentir dor. Tais estudos concluíram que o processo de mielinização não era imprescindível para a transmissão dos impulsos pelo trato sensorial. Hoje, sabe-se que os elementos do sistema nervoso central, necessários para a transmissão do estímulo doloroso ao córtex cerebral, estão presentes tanto em RN a termo quanto em prematuros, embora a maturação e a organização desse sistema neurosensorial continue durante a vida pós-natal (SOUZA et al, 2006). O desconforto e a dor no RN é tratado com menos rigor e credibilidade do que nos adultos, principalmente em decorrência da dificuldade de interpretar as expressões e sinais de dor nessa clientela específica. No passado



acreditava-se que as crianças não sentiam dor e, portanto, eram submetidas a procedimentos dolorosos sem analgesia, enfrentando situações adversas onde a dor não era percebida e muito menos cuidada (COSTA, 2012). No contexto desta assistência, torna-se imprescindível que o profissional de saúde que atua em Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN) saiba identificar, avaliar e tratar a dor do RN, procurando diminuir e/ou evitar efeitos nocivos para o desenvolvimento do neonato, além de contribuir para uma recuperação mais rápida e para a qualificação crescente da assistência prestada (SOUZA et al, 2006). Diante disso, a seguinte pesquisa teve como objetivo analisar a prática assistencial de enfermeiros de UTIN no manejo da dor.

### **Materiais e métodos**

Trata-se de pesquisa exploratória e descritiva, de abordagem qualitativa, realizada num hospital universitário no noroeste do Paraná. Foram sujeitos do estudo seis profissionais enfermeiros atuantes em UTIN, maiores de 18 anos e que aceitaram participar da pesquisa mediante anuência em termo de consentimento livre e esclarecido. Os profissionais foram abordados durante seu turno de trabalho para agendamento posterior das entrevistas no horário de melhor conveniência para eles. O instrumento de coleta de dados foi composto de duas partes: uma para a caracterização dos participantes da pesquisa, e outra, destinada à abordagem da temática central do estudo, tendo como questão disparadora: Como você define a dor? As respostas foram registradas com o uso de um gravador digital, posteriormente transcritas na íntegra e submetidas a análise de conteúdo (BARDIN, 2011). Para garantir o anonimato dos sujeitos as falas foram identificadas com a letra “E” de entrevista seguida pelo número arábico da ordem em que foram realizadas. O projeto foi submetido ao Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos – COPEP, da Universidade Estadual de Maringá e foi aprovado com CAAE: 38822114.1.0000.0104, parecer 919.268/2014.

### **Resultados e Discussão**

Foram entrevistados seis enfermeiros com idade entre trinta e oito e quarenta e oito anos, que atuam nos diferentes turnos da referida instituição. Todos apresentavam mais de 10 de atuação na UTIN, apenas 2 possuíam pós graduação na área neonatal e as demais possuíam em áreas diversas. Quando questionados sobre a definição da dor, os profissionais relataram a importância em prevenir a dor no RN internado devido as consequências futuras que o estresse doloroso causa no desenvolvimento futuro do bebê.



*“Extremamente importante [...] a criança dentro da UTI, pode ter um grande problema, um grande vilão que é o cortisol, a dor eleva os níveis de cortisol, então se eu tiver um cortisol aumentado eu vou ter uma dificuldade nesse desenvolvimento e principalmente sequelas neurológicas importantes ligadas ao acúmulo de cortisol [...]” (E6).*

O controle efetivo da dor neonatal e do estresse causado pela mesma é um dos desafios mais persistentes nesse contexto. O estímulo nocivo e o tempo em que o bebê permanece exposto ao procedimento doloroso causam experiências que repercutem em longo prazo no desenvolvimento (LIMA; CARMO, 2010).

Em relação a avaliação da dor em pacientes neonatais e a outros pacientes, 5 dos 6 entrevistados referiram que sim, pois muitas vezes o bebê internado não apresenta comunicação verbal como o choro, dependendo apenas das duas expressões faciais e mudanças de comportamento para conseguir demonstrar seu desconforto.

*“[...] o neonato é bem diferente dos outros pacientes, porque até antigamente as pessoas não valorizavam a dor do RN, achavam até que eles nem tinham dor e a gente que trabalha com eles, a gente vê que eles não ganham peso, as vezes fazem hipotermia, faz resíduo [...] tem todos os sinais de sofrimento, só não é fácil de avaliar igual uma criança maior [...]” (E4)*

Apenas um enfermeiro relatou não sentir diferença na mensuração da dor no neonato e em outros pacientes, ficando evidente sua opinião na fala abaixo:

*“Então, pra mim não tem muita diferença. A diferença é que o adulto consegue expressar essa dor em forma de palavras, mas se você observar, os sinais clássicos são os mesmos” (E6).*

Em relação a estratégias para melhorar o atendimento aos pacientes neonatais e conseqüentemente diminuir a dor e seus efeitos a longo prazo, todos os profissionais relataram a importância das capacitações e sensibilizações sobre o tema envolvendo toda a equipe, de modo que todos trabalhem em conjunto para proporcionar um melhor atendimento a esses bebês.

*“A sensibilização principalmente da parte da equipe médica, pois as vezes eles são muito resistentes em utilizar algum tipo de analgésico e as vezes a criança está com cólica, está com uma dorzinha e não tem a prescrição de analgesia [...]” (E5).*

Ainda existem profissionais não muito sensibilizados e pouco comprometidos com a importância do uso de instrumentos para mensuração da dor. Supõe-se que isso aconteça devido ao fato de não serem realizados treinamentos periódicos para a aplicação das escalas contribuindo para a dificuldade de adesão e conscientização dos profissionais que atuam diretamente no cuidado desse bebê (ROCHA; et al, 2013).



## Conclusões

A avaliação da dor na clientela neonatal constitui-se como um desafio na prática assistencial da enfermagem, despertando assim a necessidade de buscar desvelar de que forma o enfermeiro da UTIN entende a dor em seu contexto assistencial. Nesta perspectiva, o estudo serviu como meio de estimular a reflexão sobre o tema entre os profissionais atuantes na área, de modo sensibilizar e possibilitar o repensar de estratégias que valorizem a dor do neonato, visando à construção de uma atenção realmente humanizada.

## Agradecimentos

À professora orientadora pelo auxílio e supervisão durante a realização da pesquisa e aos enfermeiros que disponibilizaram seu tempo para que as entrevistas fossem realizadas e ao CNPq pelo auxílio financeiro.

## Referências

B, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011. 280 p.

COSTA, É. B.; LIMA, S.S.; FERRARI, R. Dor em pediatria: o papel da assistência de enfermagem junto à criança com dor. **Revista Eletrônica Gestão & Saúde**, Brasília, v. 3, n. 3, p. 1179-188, 2012.

LIMA, J.; CARMO, K. B. Practical pain management in the neonate. **Best Practice & Research Clinical Anaesthesiology**. United Kingdon, v. 24, 2010, p.291-307.

ROCHA, M. C. P; et al. Avaliação da dor por enfermeiros em unidade de terapia intensiva neonatal. **Ciência Cuidado e Saúde**. Maringá, v. 12, n. 4, 2013. p.624-632.

SOUZA, B.B.B.; et al. Avaliação da dor como instrumento para o cuidar de recém-nascidos pré-termo. **Texto & Contexto Enfermagem**. Florianópolis; v. 15(Esp), p. 88-96, 2006.